



GRUPO XI
GRUPO DE ESTUDOS DE IMPACTOS AMBIENTAIS (GIA)

**PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DA USINA HIDRELÉTRICA DE SALTO
CAXIAS, RIO IGUAÇU, PARANÁ**

Claudia Inês Parellada*

MUSEU PARANAENSE - Convênio COPEL/ FUNPAR/ SEEC-PR

RESUMO:

Neste trabalho apresenta-se a metodologia, os resultados e as conclusões do Programa de Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, realizado pelo Museu Paranaense, de 1995 a 1999, através de convênio com a COPEL/ FUNPAR/ SEEC-PR, em região banhada pelo baixo rio Iguaçu.

Descreve-se o processo de ocupação humana pretérita da região, através de dados recuperados em análise bibliográfica, fotointerpretativa, nas prospecções e escavações em campo, e nos vestígios coletados e documentados. Relaciona-se também medidas para o gerenciamento do patrimônio arqueológico da área atingida pelo empreendimento.

PALAVRAS-CHAVE

Salvamento arqueológico, arqueologia, Salto Caxias, pré-história, rio Iguaçu

1.0 - INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas preliminares na área afetada pela Usina Hidrelétrica Salto Caxias, conforme o EIA/ RIMA (1), mostraram a necessidade de implantação de programa de salvamento. Afinal, neste EIA/ RIMA estão descritos 8 sítios arqueológicos e 21 indícios, que englobam desde caçadores-coletores filiados a tradição Bituruna, com idades entre 6.000 a 2.000 anos a.C.,

como também vestígios de populações ceramistas-horticultoras da tradição Itararé, a qual possui cronologia para o vale do rio Iguaçu entre 475 e 1.460 anos d.C., e da Tupiguarani. Em alguns destes sítios existiam evidências de contato com populações correlatas à tradição Neobrasileira.

Assim, em junho de 1995, firmou-se convênio entre a COPEL, a FUNPAR e a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, visando a execução do Programa de Salvamento Arqueológico pelo Museu Paranaense, sendo que os trabalhos foram desenvolvidos até 1999.

A área de estudo abrange parte de nove municípios do sudoeste paranaense: Capitão Leônidas Marques, Boa Vista da Aparecida, Três Barras do Paraná e Quedas do Iguaçu, Nova Prata do Iguaçu, Salto do Lontra, Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Iguaçu e São Jorge do Oeste. Esta região contém importantes vestígios de diferentes grupos humanos, fundamentais para a compreensão da pré-história e história do Paraná.

Esta área era cortada por um caminho indígena, rico em ramais, denominado Peabiru, também utilizado por conquistadores europeus, como Aleixo Garcia em 1524, Cabeza de Vaca em 1541 e Schmidl em 1552. Parte da região estudada, como quase todo o interior do atual Estado do Paraná, pertencia à Coroa Espanhola desde o Tratado de Tordesilhas de 1494, e denominava-se Província del Guairá. Esta Província tinha como limites: ao norte o rio Paranapanema, ao sul o rio Iguaçu, a oeste o rio Paraná e a leste as serras de Guarayrú, ou seja, as escarpas do arenito Furnas (2).

* MUSEU PARANAENSE

No vale do baixo rio Iguaçu e circunvizinhanças são ricos os relatos etnográficos e de viajantes, descrevendo a presença de grupos indígenas, como índios Kaiguá no século XVI, Gualachi e Guayaná no século XVII, Chiqui e Bituruna em 1640, Guarani em 1885, além de Kaingang e Guarani até a atualidade (3,4). Ainda nesta área, em 1882, foi instalada a Colônia Militar do Chopim, que tinha como principais objetivos a defesa da fronteira e a arregimentação de índios. Em 1889, Chopim entrou em decadência com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu (5).

Desde o final do século XIX têm-se informações sobre a existência de vestígios arqueológicos no vale do baixo rio Iguaçu (6). Porém, somente a partir de 1967, realizaram-se pesquisas sistemáticas no Iguaçu, sendo localizados 95 sítios arqueológicos (7,8). Estes estudos ampliaram-se a partir da década de 70 com a execução de projetos de salvamento no médio rio Iguaçu, nas áreas de alagamento das Usinas Hidrelétricas de Salto Santiago (9), Foz do Areia e Segredo.

Ainda foi elaborado EIA/ RIMA para a implantação do sistema de transmissão em 525kV associado à UH Salto Caxias (10); e a partir de 1998 foi desenvolvido o programa de salvamento desta obra (11), com a recuperação de vestígios em 61 das 212 áreas das torres entre a UH Salto Caxias e a UH Salto Santiago. Entre 1995 e 1999, foi desenvolvido o programa de salvamento da UH Salto Caxias com o cadastramento de 220 sítios arqueológicos, e o levantamento de cerca de 400 áreas de ocorrência de indícios (12,13).

Deve ser destacado que o patrimônio arqueológico é a parcela de uma herança maior, deixada pelas gerações passadas, administrada, usada e usufruída pela geração presente, mas com transmissão obrigatória para as gerações futuras (14). Ainda conforme a legislação vigente no país, a lei nº 3924 de 1961, que dispõe sobre os locais pré-históricos e históricos, e a resolução nº 1/ 86 do Ministério do Desenvolvimento Urbano e do Meio-Ambiente, existe a necessidade de realização de pesquisas que caracterizem o patrimônio arqueológico, para mitigar os impactos negativos que a construção da Usina poderia causar neste rico acervo.

A arqueologia pode ser definida como sendo a disciplina que objetiva o resgate e a interpretação do passado, seja através de vestígios da cultura material, de representações simbólicas, ou ainda de traços de casas, aldeias, cidades, fogueiras e sepultamentos dos mais diversos povos (15). Sítio arqueológico é o local onde se encontram vestígios de culturas passadas (16); ou pode ser caracterizado como o "local físico ou conjunto de locais onde membros de uma comunidade

viveram, garantiram sua subsistência e exerceram suas funções sociais em dado período de tempo" (17).

Desta forma, o sítio arqueológico pode ser percebido como um sistema sócio-cultural, e o contexto dele ganha uma dimensão mais ampla, sendo entendido não só como uma estrutura funcional, mas também ideológica, dentro da qual a cultura material foi usada no cotidiano (18). A recuperação do cotidiano destas populações pré-históricas faz com que se use uma série de recursos teórico-metodológicos, inclusive a abordagem etnoarqueológica (19), que consiste genericamente na união da arqueologia, da etnografia e da etno-história, e que tem como base a analogia (20).

2.0 - O PROGRAMA DE SALVAMENTO

O Programa de Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias iniciou-se em junho de 1995, sendo que os métodos estão descritos no projeto (21). Os objetivos principais da pesquisa foram o de caracterizar os grupos humanos que habitaram aquela área, reconstituir o paleoambiente destes locais, e identificar os processos ambientais que aconteceram durante e após a ocupação da região. Ainda procuraram ser levantados os padrões de assentamento e de subsistência, a tecnologia de produção de artefatos, as formas de utilização do meio-ambiente na região por grupos pré-históricos e as adaptações realizadas, devido às mudanças ambientais decorrentes a fatores climáticos e/ ou problemas de manejo.

Foram treze saídas a campo, totalizando cerca de doze meses, entre junho de 1995 e outubro de 1998. Em quase todas as fases de campo a equipe foi composta por oito pesquisadores e/ ou estagiários do Museu Paranaense, além de de motoristas e veículos Toyota Bandeirante, da COPEL. Em algumas etapas de campo, devido as especificidades do projeto, houve um menor número de componentes da equipe, havendo a participação conjunta de técnicos da COPEL e estudantes da Casa Familiar Rural do município de Boa Esperança do Iguaçu-PR.

Nos trabalhos de campo prospectou-se, visando a recuperação e documentação de vestígios arqueológicos, a área do reservatório, os locais de extração de matéria-prima para a construção da Usina e de estradas a ela relacionadas., além de vários acessos a áreas próximas e dentro do reservatório, alguns recém-abertos e outros simplesmente ampliados. Nestes locais identificaram-se várias ocorrências isoladas de material arqueológico, e algumas vezes concentrações de vestígios, caracterizando sítios arqueológicos. Deve ser comentado que o canteiro de obras foi prospectado no

EIA/ RIMA, e assim apenas alguns trechos novamente foram revisitados no Programa de Salvamento.

Os métodos de prospecção foram os seguintes: em laboratório a análise bibliográfica e fotointerpretativa, e em campo a execução, tanto de malhas orientadas de poços de sondagem, como, de trincheiras, de perfis estratigráficos, em barrancos de drenagens e cortes de estradas, além da coleta de vestígios. Ainda deve ser observado que foram realizadas cerca de 300 entrevistas com moradores da comunidade local; que visavam recuperar a história da região, além de informações sobre a ocorrência de vestígios.

A análise das fotografias aéreas, com escala 1:25.000 de 1952 e 1980, do IAP-PR, e 1:40.000 de 1993, buscou tanto dinamizar as atividades de campo como caracterizar estruturas arqueológicas; sendo que a fotointerpretação foi realizada na mesma sequência das regiões pesquisadas em campo. Tanto a área prospectada como os sítios arqueológicos cadastrados foram plotados em fotografias aéreas, em escala 1:25.000 (1952,1980, IAP-PR), e 1:40.000 (1993, COPEL), e em mapas topográficos, 1:50.000 (DSG/ Ministério do Exército, 1980) e digitalizados, 1:5.000 (Esteio-Aerofoto-Prospec/ COPEL, 1994).

Através de dados levantados na análise bibliográfica e das fotografias aéreas e imagens de satélite, e também com entrevistas com a população local, estão sendo localizados e cadastrados sítios onde ocorrem vestígios arqueológicos. Os sítios são cadastrados segundo a ficha com dados exigidos pela regulamentação de 1988 da lei n. 3924, de 1961, pelo IPHAN.

Para cadastrar os sítios, além da coleta superficial, foram realizados poços de sondagem, de 50x 50x 50cm, inseridos em malhas orientadas, com distâncias variando de 5 a 50m. Ainda em alguns sítios fizeram-se trincheiras, perfis em barrancos de rios e em cortes de estradas, procurando a definição das dimensões, da estratigrafia e do grau de perturbação destes sítios, bem como dos vestígios culturais e biológicos associados.

Os sítios arqueológicos mais significativos, selecionados com a análise dos dados recuperados na prospecção, foram escavados, realizando-se também a topografia e a análise microambiental do entorno destes sítios. O estudo do meio ambiente trouxe dados básicos atuais para serem comparados aos recuperados nas escavações, fornecendo informações importantes na tentativa de reconstruir os paleoambientes, os quais os grupos humanos e animais, da região de estudo, ao longo do tempo estavam inseridos.

Fizeram-se as escavações através de malhas de quadras (corte padrão de 1x1m) e trincheiras, precisamente

inseridas dentro da planta topográfica do sítio arqueológico, obedecendo os níveis estratigráficos naturais do terreno. O local das escavações foi protegido das intempéries, quando necessário, por lonas plásticas e guarda-sóis.

Durante as prospecções e escavações coletaram-se vestígios da cultura material e biológicos, além da matriz sedimentar para análises granulométricas palinológicas, de minerais pesados e químicas. Com os dados sedimentológicos, tentou-se reconstruir o paleo-ambiente, e caracterizar os processos sin e pós-deposicionais ao período de ocupação humana. Os sedimentos removidos durante as escavações foram peneirados em malhas de diversos tamanhos, a seco, para recuperar pequenos vestígios que não puderam ser identificados na escavação.

Os materiais recuperados em campo, líticos, cerâmicos, ósseos e de ferro, estão sendo submetidos a vários tipos de análise, como morfológica e identificação de matéria-prima, entre outros, no laboratório da Seção de Arqueologia do Museu Paranaense. Em alguns sítios coletaram-se amostras para datação, tanto no método Carbono 14 como no da termoluminiscência.

Tanto na prospecção, quanto na escavação e na documentação de gravações rupestres, houve registro em cadernetas de campo, representações gráficas, e por fotografias coloridas, slides e vídeo. O material recuperado em cada local definido foi inserido em sacos plásticos, que tinha etiqueta indicando os seguintes dados: projeto, data, coletor, quadra ou trincheira, nível, feição ou estrutura associada, e tipo de material.

Em dois sítios, Ouro Verde I e Cruz Alta, que continham gravações rupestres em grande quantidade, fez-se detalhada documentação, com filmes coloridos e infravermelhos, além de plásticos transparentes e topografia com distanciômetro a laser WILD TC 1610.

No sítio Ouro Verde confeccionou-se molde, de 90m², em borracha líquida de silicone BX3-8001 da DOW CORNING. Este molde permitirá a reprodução das gravações rupestres, bem como representa um documento único, em terceira dimensão e com alto grau de precisão, de um importante sítio arqueológico, que atualmente se encontra submerso a 16m de profundidade.

Todo material coletado e recebido como doação foi incorporado ao acervo do Museu Paranaense, sendo que posteriormente estes vestígios poderão ser repassados às instituições culturais da região afetada se houverem condições de conservação e/ ou exposição deste material.

3.0 - ARQUEOLOGIA DA REGIÃO DE ESTUDO

Cadastraram-se 220 sítios arqueológicos, e levantados mais de 400 áreas de ocorrência de indícios de populações pré-históricas, que resultaram em um período de ocupação humana que vai desde caçadores-coletores relacionados à fase Bituruna e às tradições Umbu e Humaitá, com sítios datados a partir de 8.000 anos A.P. (antes do presente), ocorrendo também vestígios de grupos ceramistas e horticultores das tradições Tupiguarani e Itararé, com datações desde 2.000 anos A.P. São poucas as áreas onde ocorriam vestígios de materiais históricos, sendo geralmente relacionadas ao século XIX, quando da instalação, nas proximidades, da Colônia Militar do Chopim.

Os vestígios arqueológicos encontrados na região dividem-se em pré-históricos e históricos, sendo os sítios históricos as ruínas e vestígios materiais relacionados à ocupação européia dos séculos XVI ao XX. Os indícios pré-históricos seriam artefatos, sepultamentos humanos, restos de habitações e da dieta alimentar, e representações simbólicas, relacionados tanto a populações pré-históricas.

Os sítios arqueológicos agrupam-se em tradições, subdivididas em fases (16). No Paraná têm-se tradições ligadas a grupos caçadores-coletores, chamados Umbu, Humaitá e Bituruna, além da fase Vinitu; os de coleta litorânea são caracterizadas pelos sambaquis. Os povos horticultores e ceramistas são representados pelas tradições Tupiguarani e pela Regional Itararé/ Casa de Pedra. Para as pinturas e gravações rupestres tem-se as tradições Planalto e Geométrica. Existem diversas fases para cada uma das tradições, sendo amplamente descritas na literatura especializada.

As primeiras evidências de povoamento em território paranaense remontam a cerca de 10.000 anos atrás, e relacionam-se tanto a sambaquieiros fluviais no vale do Ribeira, como por caçadores-coletores da fase Vinitu no vale do alto rio Paraná. Possivelmente entre 7.000 e 8.000 anos atrás, surgem caçadores superiores da tradição Bituruna (9), com tecnologia adaptada possivelmente a um ambiente mais seco, talvez relacionados a fase Vinitu. A tradição Bituruna é representada por sítios com grandes pontas de projéteis pedunculadas e foliáceas, além de raspadores, micro-lascas e lâminas. Na UH Salto Caxias cadastraram-se sítios em toda a área do reservatório, situando-se geralmente muito próximos as margens do rio Iguaçu, com área variando entre 500 a 20.000m². Em alguns sítios, houve várias reocupações do mesmo local, tanto por populações relacionadas à tradição Bituruna, como por grupos das tradições Umbu, Humaitá, e Itararé.

Há cerca de 7.000 anos atrás, com o clima tornando-se mais quente e úmido, aparecem três tradições tecnológicas de caçadores-coletores, relacionadas a distintos ambientes naturais: a tradição Umbu, em áreas mais abertas; a Humaitá, em regiões de floresta densa, e os sambaquis na costa litorânea.

A Tradição Umbu compreende os sítios pré-cerâmicos caracterizados principalmente pela presença em suas indústrias de grande quantidade de pontas de projéteis (22). Estas populações ocuparam tanto abrigos como áreas a céu aberto, existindo sítios multi-funcionais com reocupação frequente (23). No Paraná ocorrem nos vales dos rios Iguaçu e Tibagi, e no litoral. Na UH Salto Caxias os sítios ocorreram em toda a área do reservatório, sendo que em vários deles houve reocupações tanto por grupos ceramistas da tradição Itararé quanto, em menor quantidade, da Tupiguarani.

A Tradição Humaitá compreende sítios pré-cerâmicos do interior que não possuem pontas de projétil, mas tem grande proporção de artefatos sobre bloco (22,23). O padrão de assentamento característico são sítios-acampamento, multifuncionais, a céu-aberto, raramente em abrigos. Estes sítios concentram-se nos vales de rios, que possuíam cobertura de floresta subtropical. Na UH Salto Caxias ocorrem sítios principalmente em áreas de vale, com grande parte dos artefatos produzidos em riolito.

Há cerca de 2000 anos atrás aparecem os primeiros vestígios de populações horticultoras e ceramistas no território paranaense, representadas por duas tradições: a Itararé/ Casa de Pedra e a Tupiguarani.

A Tradição Regional Itararé/ Casa de Pedra (24) é característica das terras altas do sul do Brasil, cujas populações devem estar relacionadas a antepassados de grupos indígenas do Tronco Lingüístico Jê. Esta tradição é representada por cerâmica utilitária, com eventual engobo vermelho, e de pequenas proporções. Estes grupos habitaram as terras cobertas pela floresta subtropical com pinheiros, o litoral atlântico, abrigos sob-rocha, cavernas e casas subterrâneas. Nos sítios históricos do vale do Iguaçu, tanto de reduções jesuíticas do século XVII, como em aldeias descritas por viajantes dos séculos XVIII e XIX, e nas colônias militares de Chopinzinho e Foz do Iguaçu, do século XIX, é provável que sejam recuperados vestígios relacionados à esta tradição. Na UH Salto Caxias estes sítios concentram-se no final do reservatório, e dois deles, o de Ouro Verde I e II, e Cruz Alta I, apresentam gravações rupestres associadas.

Os sítios da tradição Tupiguarani relacionam-se a grupos ceramistas, agricultores incipientes; ocupantes de regiões com florestas úmidas do sul da América do

Sul, em um período que vai de 2.000 anos A.P. até o século XIX (25), possivelmente ancestrais dos índios Guarani. No Paraná aparecem com frequência nos vales dos rios Paraná, Ivaí, Tibagi e Iguaçu. A tradição Tupiguarani caracteriza-se por possuir cerâmica simples ou com diversos tipos de decoração, como corrugada, unzulada, e pela pintura policroma. Em sítios desta Tradição são comuns os enterramentos em urnas cerâmicas. Na UH Salto Caxias foram cadastrados vários sítios desta tradição, principalmente nas proximidades do eixo da barragem, e na foz de grandes afluentes do Iguaçu.

As gravações rupestres que ocorrem na área de estudo relacionam-se a tradição Geométrica, que se caracteriza por apresentar motivos geométricos. Nesta tradição reúnem-se as gravações já encontradas no Paraná, identificadas no vale do rio Iguaçu, como as dos sítios Fazenda Franco (26), Vargem Grande e no abrigo Bruacas (27).

Na UH Salto Caxias foram caracterizadas gravações nos sítios arqueológicos de Ouro Verde I e II, no município de Boa Esperança do Iguaçu, e no de Cruz Alta I, em Três Barras do Paraná. No de Ouro Verde I foram documentadas cerca de 500 gravações, principalmente círculos, com profundidades de 2 a 6mm em basaltos e andesitos (28). No de Cruz Alta são 100 gravações em basalto, com profundidades entre 2 a 11mm; que estão em área de remanso do reservatório, e onde está sendo planejada a implantação de unidade de conservação.

4.0 - CONCLUSÕES

Com a síntese dos dados arqueológicos, pode-se perceber a diversidade de populações que ocuparam a área diretamente afetada e de influência da UH Salto Caxias, e a importância da realização dos trabalhos arqueológicos na região para uma maior compreensão da pré-história e história do sudoeste paranaense.

Deve ser destacado que os métodos utilizados na prospecção e escavação dos sítios arqueológicos foram muito eficientes, principalmente se for observado a área inundada pelo reservatório: 9.557 hectares, sendo que a superfície do reservatório possui 131km², quando na cota 325m.

Parte significativa dos 220 sítios cadastrados e das 400 áreas de ocorrência de indícios arqueológicos foi detectada por informações oriundas de entrevistas com a comunidade local, e pela análise fotointerpretativa. Afinal, o uso de fotografias aéreas de vários anos, 1952, 1980 e 1993, permitiu além da dinamização das atividades de campo, também uma boa visualização do processo de ocupação da região de estudo, e a

caracterização de estruturas arqueológicas, principalmente no voo de 1980, escala 1:25.000.

Ainda vem sendo planejadas e desenvolvidas diversas atividades para divulgar a pesquisa, como: elaboração e distribuição de publicações, tanto didáticas como científicas; montagem de exposições, tanto de curta como longa duração, nos municípios atingidos pelo empreendimento e em esfera estadual.

Também, pretende-se executar palestras para a comunidade local e treinar os professores, visando uma melhor compreensão da pré-história paranaense e a conscientização da população sobre a importância do patrimônio arqueológico, e o seu significado como memória coletiva.

5.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) CHMYZ, I. In: COPEL/INTERTECHNE-LEME-ENGEVIX-ESTEIO. Estudo de impacto ambiental da Usina Hidrelétrica Salto Caxias/PR, 4. Curitiba. 1993.
- (2) CARDOZO, R.I. El Guairá, historia de la antigua provincia (1554-1676). El Arte S.A., Asunción. 1970.
- (3) NIMUENDAJU, C.U. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação IBGE/ Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro. 1982.
- (4) MONTOYA, P.A.R. Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Tape. Martins Livreiro, Porto Alegre. 1985.
- (5) BOUTIN, L. Colônias militares da Província do Paraná. Boletim do Inst. Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, v.33, p.13-67, Curitiba. 1977.
- (6) AMBROSETTI, J.B. Los cementérios pré-históricos del alto Paraná. Boletim del Inst. Geografico Argentino, v.16, p.227-257, Buenos Aires. 1895.
- (7) CHMYZ, I. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. In: PRONAPA 3, Res. Prelim., 3º ano, 1967/ 68, Museu Emílio Goeldi, Belém. 1969.
- (8) CHMYZ, I. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. In: PRONAPA 4, Res. Prelim., 4º ano, 1968/ 69, Museu Emílio Goeldi, Belém. 1971.
- (9) CHMYZ, I. (coord.). Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da UHE de Salto Santiago (1979-1980). Florianópolis/ Curitiba,. 1981.

- (10) PARELLADA, C.I. In:COPEL/INTERTECHNE-LEME-ENGEVIX-ESTEIO. EIA/RIMA do sistema de transmissão de 500kV associado à UH Salto Caxias, Curitiba. 1996.
- (11) PARELLADA, C.I. (coord.). Relatório preliminar do programa de salvamento arqueológico das linhas de transmissão de 525 kV da UH Salto Caxias a UH Salto Santiago. Museu Paranaense/ COPEL, Curitiba. 1998.
- (12) PARELLADA, C.I. Métodos de prospecção do programa de salvamento arqueológico da UH Salto Caxias. Col. Arqueologia 1 v.2, Porto Alegre. 1995/96.
- (13) PARELLADA, C.I. (coord.) Relatório final do programa de salvamento arqueológico da UH de Salto Caxias-PR. Museu Paranaense, Convênio COPEL/FUNPAR/ SEEC-PR, Curitiba. 1999.
- (14) SCHMITZ, P.I. O patrimônio arqueológico brasileiro. Rev. Arqueologia, SAB 5, Rio de Janeiro. 1988.
- (15) DICKENS JR, R.S. (ed.) Archeology of Urban America, the search for pattern and process. Studies in Hist. Archeology. Academic Press, New York. 1982.
- (16) PRONAPA Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Cadernos de Arqueologia, 1, p. 119-148, Paranaguá. 1976.
- (17) CHANG, K.C. Settlement archeology. Palo Alto, California. 1968.
- (18) HODDER, I. The present past. Pica Press, New York. 1982.
- (19) KRAMER, C. 1979. Introduction. In: KRAMER, C.(ed) Ethnoarchaeology. Columbia University Press, New York. 1979.
- (20) WATSON, P.J. The idea of ethnoarchaeology: notes and comments. In: KRAMER,C. (ed) Ethnoarchaeology, Columbia Un. Press, New York. 1979.
- (21) PARELLADA, C.I. Projeto do programa de salvamento arqueológico da UH Salto Caxias. Museu Paranaense, Curitiba. 1994.
- (22) KERN, A. Le précéramique du Plateau Sud-Brésilien. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. 1981.
- (23) SCHMITZ, P.I. Áreas arqueológicas do litoral e do planalto do Brasil. Revista MAE-USP, 1, p.3-20, São Paulo. 1991.
- (24) SCHMITZ, P.I. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. In: SCHMITZ, P.I.Arqueologia do RS, Documentos, 2, São Leopoldo, 1988.
- (25) BROCHADO, J.J. A tradição cerâmica Tupi-guarani na América do Sul. Clio, 3, Recife. 1980.
- (26) NIGRO, L.H.F. et al. Projeto Porto Amazonas. Dédalo, n.17-18, p.100, São Paulo. 1973.
- (27) CHMYZ, I. Novas manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná. Pesquisas: Antropologia, n.20, p.121-130, São Leopoldo. 1969.
- (28) PARELLADA, C.I.; BARBOSA, A.; PEREIRA, E.M. Análise ambiental e estratigráfica do sítio arqueológico Ouro Verde I/Boa Esperança do Iguaçu-PR. Boletim Resumos Expandidos do 39 Congresso Brasileiro Geologia, SBG,p.510-513, Salvador. 1996.